

O Insight na Psicanálise

The insight in Psychoanalysis

Resumo: Questionamos aqui a legitimidade da utilização do termo *insight* na Psicanálise, para representar o que se busca em uma análise. Discutimos a sua concordância com os princípios que fundamentam a análise e regem a sua prática. Argumentamos, a partir dos sentidos indicados por *insight*, como palavra comum e como conceito psicanalítico.

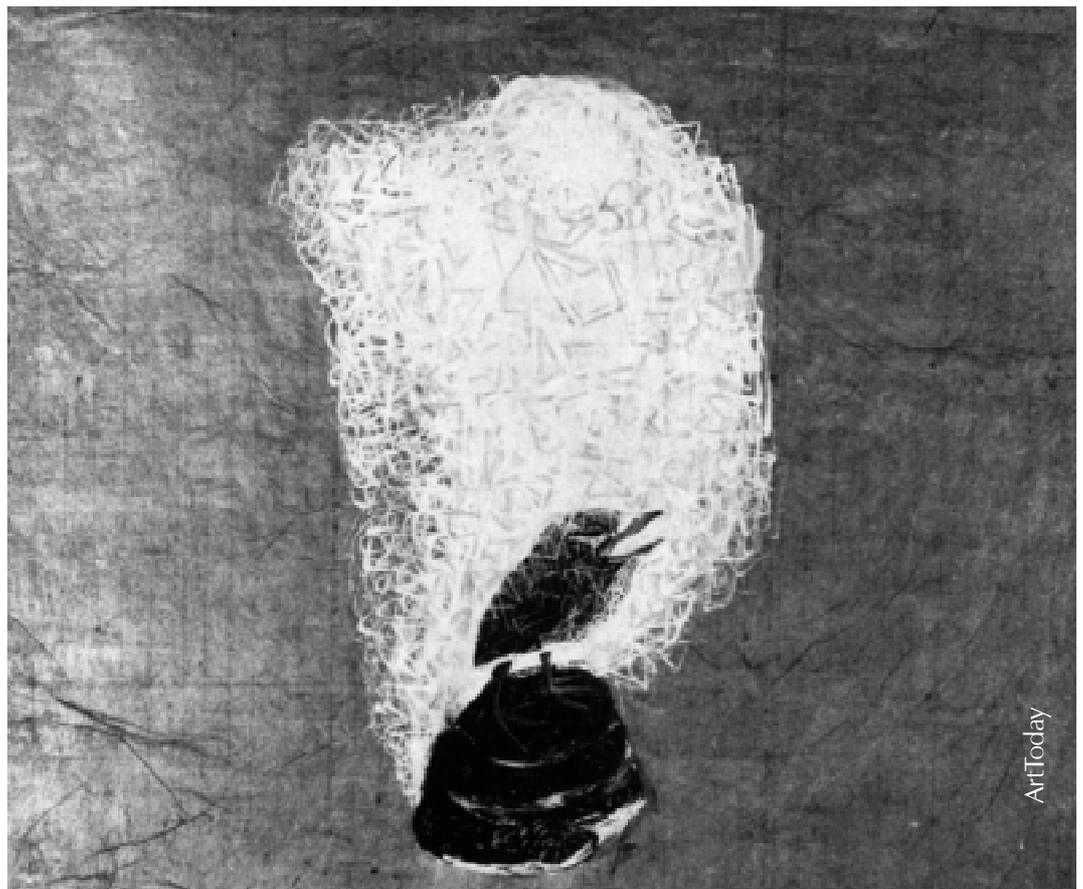
Palavras-chave: *Insight*, Freud, Psicanálise, psicoterapia.

Abstract : In this article, we question the legitimacy of the use of the term *insight* in Psychoanalysis, in order to see if it is adequate to represent what is sought by an analysis. We discuss its concordance with the principles that base the Psychoanalysis and that regulate its practice. We build up our argumentation based on the senses that are indicated in the term *insight*, as a common word and as a psychoanalytical concept.

Key words: *Insight*, Freud, Psychoanalysis, psychotherapy.

**Marcos
Chedid Abel**

Psicanalista. Doutor em
Psicologia (UnB, 2001),
Mestre em Psicologia
Clínica (UnB, 1995).
Coordenador do Curso
de Teoria Psicanalítica
do Centro Universitário
de Brasília: UniCEUB.
Professor do Curso de
Psicologia do UniCEUB.



ArtToday

Encontra-se a palavra *insight* com frequência, na literatura psicanalítica, como também em textos de autores de outras correntes teóricas. Quando não é inserida nos textos em português na sua forma original, geralmente é traduzida para o português como compreensão interna, compreensão súbita, apreensão súbita, visão súbita, discernimento, perspicácia, pelos neologismos intravisão ou insaite etc.

Originário, provavelmente, do escandinavo e do baixo alemão, *insight* é definido na língua inglesa como “a capacidade de entender verdades escondidas etc., especialmente de caráter ou situação” portando um sentido igual a “discernimento” (Allen, 1990, p. 612), ou “a capacidade para discernir a verdadeira natureza de uma situação”, “o ato ou o resultado de alcançar a íntima ou oculta natureza

das coisas ou de perceber de uma maneira intuitiva" (Mifflin, 1994, *'insight'*).

Insight é a palavra que, em geral, se utiliza nos países de língua inglesa para traduzir as alemãs *Einsicht* e *Einblick*.

Die Einsicht é definida na língua alemã como "uma certa realização que envolve uma conexão complicada" (Languenscheidt, 1999, *Einsicht*).¹ O exemplo apresentado para isso é: "A Psicanálise leva a novas *Einsichten* da psique humana",² podendo ter também o sentido da "realização de que se fez algo errado",³ de "remorso", como no exemplo: "Chegar a uma *Einsicht*", ou "a *Einsicht* vem depois".⁴ Pode também ser usada no sentido do "processo⁵ ou a possibilidade de ver dentro" de alguma coisa.

Der Einblick pode ter o sentido de "uma primeira breve impressão de uma atividade nova, de uma área nova ou da mesma área" (Languenscheidt, 1999, *Einblick*)⁶, como também o de "leitura de documentos ou cartas importantes",⁷ ou de ver dentro de uma área física, como em: "ver dentro de um jardim através de uma parede que o obstrui".⁸

Insight como Conceito

Na Psicanálise, como colocam Sandler, Dare e Holder (1986 [1973]), *insight* "é usado como se o seu significado fosse facilmente evidente, mas um estudo atento logo revela que o termo compreensão interna (insaito) não está nem um pouco esclarecido" (p. 107).

Citam um irado Billborg (1952)⁹ sobre essa questão: "Entre as imprecisões que têm maior repercussão na clínica e que causam a maior confusão, está o termo compreensão interna (insaito). Ele veio de parte nenhuma, por assim dizer. Ninguém sabe quem o empregou pela primeira vez, e em que sentido".

Segundo esses autores, *insight* é um termo que começou a ser utilizado, na Psiquiatria Geral, desde o início do século XX, "para indicar o conhecimento, pelo paciente, de que os sintomas de sua doença são anormalidades ou fenômenos mórbidos" (Sandler, Dare e Holder, 1986 [1973], p. 107). A ausência de *insight* é associada, então, principalmente às psicoses.

Consideram que a passagem desse termo da Psiquiatria para a Psicanálise ocorreu principalmente a partir de 1950, mas, tendo o seu significado psiquiátrico específico sido perdido nessa sua extensão.

Ainda segundo esses autores, o primeiro trabalho psicanalítico que teve esse termo em seu título foi de French (1939) sobre *Insight and Distortion in*

Dreams.¹⁰ Consideram que French teria sido influenciado por um trabalho do gestaltista Köhler (1925), em que este havia descrito "a percepção, por um animal experimental, da forma de resolver um problema" como *insight*. French teria considerado o *insight* na Psicanálise como um fenômeno similar, isto é, como "uma apreensão útil da situação de conflito". O *insight* não seria o agente terapêutico *per se*, mas uma pré-condição para uma "solução de problema" que pudesse levar à cura (French *apud* Sandler, Dare e Holder, 1986 [1973], p. 109).

Na Psicologia, a pesquisa de Köhler parece ter realmente marcado de modo indelével o significado do termo. Pois, para um dicionário dessa área, "este termo designa num animal, a capacidade de compreensão súbita de uma situação, no decurso da aprendizagem por ensaio e erro. O termo que melhor lhe corresponderia, em francês, é *intuition*" (Piéron, 1978 [1951], p. 232).

Em outro dicionário de Psicologia, encontramos definição de mesmo teor: "Palavra inglesa sem equivalente em português, sinônimo da palavra *intuição*, reservada à psicologia humana. Compreensão súbita, por um animal, de uma situação determinada". Também fazendo referência ao trabalho de Köhler:

"Após algumas tentativas infrutíferas para alcançar uma banana colocada fora de seu alcance, um chimpanzé empilha duas caixas, uma sobre a outra, e utiliza um ramo de árvore à guisa de bastão (Köhler, 1925). Repentinamente, a solução lhe apareceu, sendo os elementos disponíveis reorganizados em função do objetivo pretendido" (Sillamy, s/d, p. 181).

Em um dicionário de Filosofia, *insight* é definido como: "Visão súbita, iluminação, intuição, que permite, por exemplo, ao animal resolver imediatamente um problema" (Lalande, 1996 [1926], p. 1275).

Köhler faz a equivalência entre *insight* e o que nomeia "consciência direta da determinação" (Köhler, 1968 [1947], p. 194). Direta, pois independeria de aprendizagem, como no exemplo que ele fornece:

"Depois de uma longa caminhada, em um dia muito quente de verão, bebo um copo de cerveja gelada. Ao fazer isso, sinto na boca a frialdade e um gosto característico. Há também um grande prazer. Será necessário para mim [sic] ficar sabendo, pouco a pouco, que tal prazer provém da frialdade e do gosto? Que ele nada tem a ver com a aranha que estou vendo na parede ou com o tamanho da cadeira que se encontra diante de mim? Evidentemente, não é necessária tal aprendizagem. Não estou mais diretamente consciente de meu prazer em si mesmo e do tato e do gosto em si mesmo que estou do fato de que o prazer se refere à frialdade e ao gosto. E

1 "eine bestimmte Erkenntnis, die einen komplizierten Zusammenhang betrifft".

2 "Die Psychoanalyse führt zu ganz neuen Einsichten in die menschliche Psyche".

3 "die Erkenntnis, dass man Falsches getan hat".

4 "zur Einsicht kommen; (späte) Einsicht zeigen".

5 "der Vorgang oder die Möglichkeit des Einsehens".

6 "ein erster kurzer Eindruck einer neuen Tätigkeit, eines neuen Gebiets".

7 "das Lesen von Dokumenten oder wichtigen Briefen".

8 "Mir war der Einblick in den Garten durch eine hohe Mauer versperrt".

9 Não consta na respectiva bibliografia.

10 Não consta na respectiva bibliografia.

sinto que meu prazer é uma reação adequada aos fatos. Entre o prazer e sua base sensorial, experimento o que é chamado em alemão seu ‘verständlicher Zusammenhang’, que corresponde aproximadamente a ‘relação compreensível’”(Köhler, 1968 [1947], p. 1860).

Para Köhler, “o termo *insight* refere-se à dinâmica experimentada nos campos emocional e de motivação, não menos que à determinação experimentada em situações intelectuais”. Na “experiência comum, nada pode ser mais evidente que o discernimento (*insight*), isto é, a consciência de determinação” (Köhler, 1968 [1947], p. 195).



“a modificação terapêutica enquanto conseqüência da análise depende, em grande medida, da provisão de um esquema referencial conceitual e efetivo, estruturado e organizado, dentro do qual o paciente pode efetivamente situar-se e situar a sua experiência subjetiva de si mesmo e das outras pessoas”

Sandler,
Dare e Holder

Como não é nosso objetivo aqui fazer um estudo aprofundado do conceito de *insight* em Köhler e, sim, apenas apontar a importância desse autor na introdução do conceito na Psicologia, o qual continua firmemente associado ao seu nome, passaremos adiante, buscando apontar como esse conceito passou a ser utilizado em Psicanálise.

Dessas definições de *insight*, guardaremos, para usar à frente, principalmente a sinonímia com intuição e a relação com o experimento de Köhler.

Insight na Psicanálise

Erikson (1964) considera o *insight* “uma forma de discernimento difícil de definir e mais difícil de defender” (p. 10), e o define como “descoberta psicológica” (p. 36).

Na Psicanálise, segundo Sandler, Dare e Holder (1986 [1973]), seria preciso fazer uma distinção entre *insight* verdadeiro ou emocional, e *insight* intelectual, sendo que, para os psicanalistas em geral, “alguma forma de experiência emocional é um acompanhamento essencial do que se considera como compreensão interna (insite) eficaz”. O *insight* verdadeiro seria aquele que é eficaz. Uma definição que seria tautológica, como reconhecem os autores.

Consideram, divergindo de French, que seria preciso separar o conceito de *insight* do de cura, pois, na opinião deles, “não se há de concluir que tal compreensão interna (insite) necessariamente se acompanhe de modificações

progressivas e terapêuticas no paciente” (Sandler, Dare e Holder, 1986 [1973], p. 110).

Propõem diferenciar o *insight* intelectual daqueles que “ou liberam emoções ou envolvem algum aspecto de um ‘estado afetivo’ como parte do conteúdo da compreensão interna (insite)” (Sandler, Dare e Holder, 1986 [1973], p. 111).

Minimizam o papel do *insight*, considerando que:

“a modificação terapêutica enquanto conseqüência da análise depende, em grande medida, da provisão de um esquema referencial conceitual e efetivo, estruturado e organizado, dentro do qual o paciente pode efetivamente situar-se e situar a sua experiência subjetiva de si mesmo e das outras pessoas” (Sandler, Dare e Holder, 1986 [1973], p. 111).

Menninger e Holzman (1982 [1973]) concedem grande importância ao *insight* na análise, descrevendo-o como o reconhecimento pelo paciente de que:

□ Este ou aquele aspecto de seu sentimento e atitudes, esta ou aquela técnica de comportamento, este ou aquele papel que ele atribui a outras pessoas obedece a um padrão;

□ que esse padrão, como a “pegada de um urso que perdeu alguns dedos em uma armadilha há muito tempo”, imprime-se com cada passo em sua jornada ao longo da vida; está presente em suas relações, na situação da realidade atual, e está presente em sua relação analítica;

□ que esse padrão se originou por uma razão que foi válida na época e persistiu, apesar das mudanças em algumas das circunstâncias que originalmente o determinaram;

□ que esse padrão contém elementos ofensivos e prejudiciais a outras pessoas, assim como onerosos e incômodos para o próprio paciente (Menninger e Holzman, 1982 [1973], p. 149).

O *insight* não consistiria apenas em “ver que algo na situação analítica é semelhante a algo na infância”, ou em “ver que algo na infância está refletido nas atividades de sua situação atual”, ou ainda em “ver que algo em sua situação atual é um reflexo de algo na situação analítica”. Seria “a identificação simultânea do padrão de comportamento característico em todas essas situações, somadas à compreensão dos motivos por que foram e são usados do modo que foram e são” (Menninger e Holzman, 1982 [1973], p. 149).

Os autores afirmam que a aquisição de *insight* faz “recuar a barreira da repressão e dilata a área de autognose”. No desenvolvimento da análise, a

“barreira da repressão” será repetidamente abordada e “cada vez mais penetrada para a recuperação do material esquecido” (Menninger e Holzman, 1982 [1973], p.151).

O paciente estaria em um processo de correlação contínua entre as recordações recuperadas, suas atitudes em relação ao médico e suas fantasias ou sonhos.

Propõem uma fórmula para esse movimento da análise: Situação da realidade → Situação analítica e (ou) de transferência → Situação da infância → Situação da realidade → e assim por diante (Menninger e Holzman, 1982 [1973], p. 151).

Os autores dizem que “admitimos a importância daquilo a que chamamos *insight* no processo de recuperação, mas se é um produto ou uma causa da mudança não podemos assegurar” (Menninger e Holzman, 1982 [1973], p. 148).

Greenson apresenta a concepção, também circular, de Kris (1956) do papel do *insight* na análise. Para este, “o *insight* conduz a algum benefício terapêutico e o benefício terapêutico conduz a um *insight* posterior”, ou seja, “os *insights* alteram o ego e essas mudanças tornam possíveis outros *insights*”. O *insight* seria “o centro de um processo circular, do qual fazem parte também a memória, a função integradora do ego e a auto-imagem” (Greenson, 1982 [1978], p. 254).

A opinião do próprio Greenson é que:

“Para que um *insight* seja eficaz, é necessário que seja repetido muitas vezes; interpretações isoladas não produzem mudanças permanentes. Em parte, isto se deve ao fato de que os fenômenos inconscientes são condensados; traduzi-los completamente em um conteúdo consciente é complicado e demanda uma quantidade muito grande de tempo. A princípio o paciente não tem usualmente coragem de responder completamente a uma interpretação. Torna-se necessária uma repetição para sobrepujar uma tendência do paciente de afastar afetos, impulsos e fantasias dolorosas. Finalmente, a reiteração do *insight* dá ao paciente mais oportunidades para dominar a ansiedade e uma chance de ensaiar novos modos de reagir” (Greenson, 1982 [1978], p. 269).

Laplanche e Pontalis (1998 [1967], p. 305) apontam uma passagem de Melanie Klein, a título de exemplo, onde ela diz que:

“Nossa experiência cotidiana confirma constantemente a necessidade de perlaborar: é assim que vemos pacientes que, em determinada fase, adquiriram *insight*, recusarem esse mesmo *insight* nas sessões seguintes; às vezes, até parecem ter esquecido que alguma vez o tenham feito seu. Só tirando as nossas conclusões do material, tal como ele reaparece

em diversos contextos, e interpretando-o adequadamente, ajudamos progressivamente o paciente a adquirir *insight* de forma mais duradoura” (Klein, 1961, p. 99).

Klein, portanto, também utiliza o termo *insight*, considerando a necessidade da sua repetição, para que o paciente o adquira de forma duradoura.

Para Lacan, o *insight* é a experiência psicológica de uma operação intelectual que define bastante corretamente o “instante de ver”, seguido, na sua concepção, pelo tempo de compreender e pelo momento de concluir, os três tempos que constituem o tempo lógico (Lacan, 1973 [1964]).¹¹ O instante de ver ocorre quando há uma sutura, uma junção do imaginário e do simbólico (p. 107).

Na psicoterapia breve de orientação analítica, a proposta é que, por se tratar de uma terapia de curta duração, o *insight* seja reduzido em sua extensão e profundidade, ou seja, que se proporcione apenas “experiências iniciais de *insight*, um autoconhecimento limitado às dificuldades habitualmente contidas no foco terapêutico”, e que esse foco seja dirigido principalmente “para as relações do sujeito com os objetos externos de sua vida cotidiana e presente” (Braier, 1986 [1984], p. 29).

Há, portanto, em todos esses usos do termo na Psicanálise, como também nesse exemplo da psicoterapia breve de orientação psicanalítica, a relação entre *insight* e perlaboração (mesmo que não nomeada como tal).

Não há nenhum verbete no *Vocabulaire* (Laplanche e Pontalis, 1998 [1967]) que corresponda a *Einsicht*, *Einblick* ou *insight*. Encontra-se uma rápida, mas interessante, abordagem à *prise de conscience* (tomada de consciência) no verbete *conscience* (*psychologique*). Já no verbete *perlaboration*, referem-se à “integração de uma interpretação” por meio da perlaboração.

Insight em Freud

Na Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, encontramos sessenta e sete ocorrências da palavra *insight*. Todas estão entre parênteses e acompanhadas pela tradução “compreensão interna”.

Esse destaque dado à tradução de *insight* mostra a importância que tem essa palavra para os responsáveis pela versão brasileira.

Pelo levantamento que fizemos, essas ocorrências correspondem às localizações de *insight* na edição inglesa (que, como se sabe, foi a fonte original da versão brasileira).

Já *insight* na edição inglesa, pelo que pudemos concluir a partir do cotejamento com a edição alemã,

¹¹ « Le temps logique est constitué par trois temps. D'abord, l'instant de voir $\frac{3}{4}$ qui n'est point sans mystère, bien qu'assez correctement défini dans cette expérience psychologique de l'opération intellectuelle qu'est l'insight. Ensuite, le temps pour comprendre. Enfin, le moment de conclure. » (Lacan, 1973 [1964], p. 39)

é a tradução adotada para a grande maioria das ocorrências das palavras *Einblick* ou *Einsicht*, utilizadas por Freud.

Das ocorrências de *insight* na edição brasileira, apenas em sete delas Freud refere-se ao analisando. Em todas as outras refere-se ao analista.

Em relação ao analista, o uso de *insight* por Freud é associado à idéia de compreensão de uma dificuldade encontrada em um caso específico ou o vislumbre de um aspecto mais abrangente da teoria. Um exemplo do primeiro desses usos é encontrado no caso do Sr. Forsyth, quando Freud está tratando da telepatia:

“Ora, o nome ‘Forsyte’ desses romances difere pouco do de meu visitante ‘Forsyth’ e, conforme é pronunciado por um alemão, os dois dificilmente podem ser distinguidos; e há uma palavra inglesa com uma significação — ‘foresight’ — que também teremos de pronunciar da mesma maneira e que seria traduzida como ‘Voraussicht’ ou ‘Vorsicht’. Assim, P. realmente selecionara de suas preocupações pessoais exatamente o nome que ao mesmo tempo ocupava meus pensamentos, como resultado de uma ocorrência da qual ele não tinha conhecimento.

Isto parece tomar rumos melhores, concordarão os senhores. Mas penso que ficaremos mais impressionados com o surpreendente fenômeno e até mesmo obteremos uma compreensão interna (*insight*)¹² dos seus fatores determinantes se lançarmos a luz da análise sobre duas outras associações apresentadas por P. durante a mesma sessão” (Freud, 1933a [1932], p. 66).

No sentido da teoria de maneira geral, temos essa passagem, quando Freud diz que:

“A Psicanálise não tem efeito terapêutico sobre as formas mais graves da perturbação mental propriamente dita. Mas possibilitou — pela primeira vez na história da Medicina — uma certa compreensão (*insight*)¹³ da origem e do mecanismo das neuroses e das psicoses” (Freud, 1913j, p. 199).

Como também, por exemplo, em:

“Aconteceu que, nos anos a partir de 1895, fiquei sujeito a duas poderosas impressões que se combinaram para produzir o mesmo efeito sobre mim. Por um lado, alcançara minha primeira compreensão interna (*insight*)¹⁴ [os primeiros *insights*] das profundezas da vida dos instintos humanos; eu vira certas coisas que eram tranquilizadoras [sérias, que desiludem]¹⁵ e mesmo, de início, assustadoras. Por outro, a comunicação das minhas descobertas desagradáveis teve como resultado a ruptura da maior parte de meus contatos humanos; senti-me como se fosse desprezado e universalmente evitado” (Freud, 1941 [1926], p. 315).

Já em outra passagem, relaciona a possibilidade de alguém ter *insights* da teoria à experiência própria de análise, quando afirma que: “em geral, é tão difícil proporcionar a quem não é psicanalista uma compreensão interna (*insight*)” da Psicanálise” (Freud, 1933a [1932], p. 89).

Nas passagens em que se refere ao paciente, em uma, especificamente, Freud parece utilizar *insight* no sentido psiquiátrico que vimos acima, como capacidade de discernimento, dizendo respeito à função do julgamento, e como na que se segue, onde *insight* é contraposto a surto paranóico:

“No decorrer dos anos seguintes, a irmã que tinha tido essa experiência adoeceu. Passou a se queixar e, por fim, desenvolveu delírios inequívocos de estar sendo observada e perseguida, no seguinte sentido: achava que suas vizinhas tinham pena dela por ter sido abandonada pelo pretense namorado e por ainda estar esperando que o homem voltasse; estavam sempre a lhe dizer insinuações dessa natureza, diziam-lhe todo tipo de coisas a respeito do homem, e assim por diante. Tudo isso, dizia ela, era naturalmente inverídico. A partir daí, a paciente cai nesse estado somente por algumas semanas de cada vez. Sua compreensão interna (*insight*) retorna temporariamente e ela explica que tudo isso foi conseqüência de se haver excitado; mesmo assim, nos intervalos, padece de uma neurose que pode ser facilmente interpretada como neurose sexual. E logo cai em novo surto de paranóia” (Freud, 1950a [1887-1902], p. 292).

Mas, em geral, Freud refere-se a uma capacidade requerida ao paciente pela análise, um pré-requisito para o processo analítico, quando diz que “Não se deve esperar que a soma de paciência, adaptabilidade, compreensão interna (*insight*) e confiança exigida do paciente e de seus parentes se apresente em muitos outros casos” (Freud, 1918b [1914], p. 23).

Também é utilizada no sentido oposto à de ignorância, como na passagem seguinte:

“Na verdade, a pergunta relativa à duração provável de um tratamento é quase irrespondível.

Como resultado conjunto de falta de compreensão interna (*insight*)¹⁶ por parte dos pacientes e falta de engenhosidade por parte dos médicos, espera-se que a análise atenda às exigências mais ilimitadas, e isso no tempo mais curto. (...) mesmo pessoas inteligentes esquecem que uma proporção necessária tem que ser observada entre tempo, trabalho e sucesso. Isto, incidentalmente, constitui resultado compreensível da profunda ignorância que predomina a respeito da etiologia das neuroses” (Freud, 1913c, p. 170).

Na maior parte das referências ao paciente, no entanto, a falta de *insight* é o estado em que este se

12 Na edição inglesa, encontra-se realmente a palavra *insight* (Freud, 1971 [1932], p. 49), que foi usada para traduzir a alemã *Einblick* (Freud, 1999 [1932], p. 53).

13 “*einen Einblick*” (Freud, 1999 [1913], p. 390).

14 “*die ersten Einblicke*” (Freud, 1999 [1926], p. 51).

15 “*ernüchtern*” (Freud, 1999 [1926], p. 51).

16 Que, na edição inglesa também consta como *insight* (Freud, 1971 [1932], p. 69), e na alemã *Einblick* (Freud, 1999 [1932], p. 76).

17 “*Einsicht und Zutrauen*” (Freud, 1999 [1918], p. 33).

18 “*Einsichtslosigkeit*” (Freud, 1999 [1913], p. 460).

encontra refratário à continuidade da análise, em um sentido que consideramos ser próximo ao psiquiátrico, como consequência das resistências, seja pela transferência positiva erótica:

“Não pode haver dúvida de que a irrupção de uma apaixonada exigência de amor é, em grande parte, trabalho da resistência. Há muito notaram-se na paciente sinais de uma transferência afetuosa, e pôde-se ter certeza de que a docilidade dela, sua aceitação das explicações analíticas, sua notável compreensão e o alto grau de inteligência que apresentava deveriam ser atribuídos a essa atitude em relação ao médico. Agora, tudo isto passou. Ela ficou inteiramente sem compreensão interna (*insight*)¹⁹ e parece estar absorvida em seu amor. Ademais, essa modificação ocorre muito regularmente na ocasião precisa em que se está tentando levá-la a admitir ou recordar algum fragmento particularmente aflitivo e pesadamente reprimido da história da sua vida. Ela esteve enamorada, portanto, por longo tempo, mas agora a resistência está começando a utilizar seu amor a fim de estorvar a continuação do tratamento, desviar todo o seu interesse do trabalho e colocar o analista em posição canhestra” (Freud, 1915a [1914], p. 212).

seja pela atitude crítica:

“Portanto, temos tido a possibilidade de nos convencer de que, em ocasiões incontáveis no decurso de sua análise, a mesma pessoa abandonará sua atitude crítica e depois a reassumirá. Se estamos na iminência de trazer-lhe à consciência uma parcela de material inconsciente especialmente desagradável, a pessoa se torna extremamente crítica; pode ter empreendido e aceito muitas coisas previamente, agora, todavia, é simplesmente como se aquelas aquisições tivessem sido anuladas; em seu esforço de se opor, a todo custo, pode oferecer o quadro completo de um imbecil emocional. Se, contudo, conseguimos ajudá-la a superar essa nova resistência, ela recupera sua compreensão interna (*insight*) e entendimento²⁰” (Freud, 1916-1917 [1915-1917], p. 345).

O *insight* intelectual, por si só, não basta na batalha contra as resistências. A força da transferência tem um papel fundamental na decisão do conflito:

“A fim de que o paciente enfrente as resistências que lhe mostramos na análise, ele tem necessidade de um poderoso estímulo que influenciará sua decisão no sentido que desejamos, levando à recuperação. De outro modo, poderia acontecer que ele venha a optar em favor da repetição do resultado anterior, e permitiria que aquilo que fora trazido à consciência deslizesse novamente para a repressão. Nesse ponto, o que é decisivo em sua luta não é sua compreensão interna (*insight*) intelectual²¹ — que nem é suficientemente forte, nem suficientemente livre para uma tal realização —, mas simples e unicamente a sua relação com o médico” (Freud, 1916-1917 [1915-1917], p. 518).

Freud também utiliza *insight* no sentido de uma compreensão espontânea, ocorrendo sem nenhuma relação com a análise, como a que se deu no Homem dos Lobos, em sua infância, quanto à existência da castração:

“Quando estudávamos a gênese da fobia aos lobos, seguimos o efeito dessa nova compreensão interna (*insight*) do ato sexual²², mas, agora que estamos investigando as perturbações da função intestinal, encontramos-nos trabalhando com base na velha teoria cloacal. Os dois pontos de vista permanecem separados um do outro por um estádio de repressão” (Freud, 1918b [1914], p. 102).

A única passagem onde encontramos *Einsicht* não no sentido de uma pré-condição geral para a análise, mas como uma consequência, um ganho por parte do paciente, é na que se segue:

“Os pais que tiverem em si a experiência da análise, e devem muito a ela, além de lhes deverem compreensão interna (*insight*)²³ das falhas havidas na sua própria educação, tratarão seus filhos com melhor compreensão e lhes pouparão muitas coisas de que não foram poupados” (Freud, 1933a [1932], p. 183).

Imagem e Palavra

Insight, como vimos, significa literalmente visão interna, ou seja, diz respeito ao sentido da visão. Na Psicologia da *Gestalt*, desde os experimentos de Wertheimer, em 1910, sobre o movimento aparente, a visão é o sentido privilegiado. A Psicologia da *Gestalt* foi fundada sobre o sentido da vista, de tal maneira que, na opinião de Koestler (1949), as conclusões derivadas das hipóteses obtidas do estudo da visão seriam mesmo “aplicadas indiscriminadamente a outros processos que não o visual” (p. 356).

Entretanto, como ressalta Celes (1997), a vista não é o sentido privilegiado na Psicanálise. Nesta, o que é buscado é que o sujeito fale e escute. O objetivo é fazer falar e fazer ouvir. Ou melhor, é “fazer ouvir o que se fala” (p. 25). Na Psicanálise, o sentido privilegiado é o da audição, concentrado pela atenção no ato da escuta.

A introdução do divã marca a passagem da observação médica para a escuta analítica. Como coloca Celes (1997), “o divã é o lugar onde não se dá a ‘ver’, foi instituído para propriamente não ‘ver’ nada” (p. 46).

A imagem, tal como a imagem onírica, a lembrança encobridora e a alucinação, só dizem algo se for traduzida, ou melhor, transformada, em palavras. Uma imagem diz mais que mil palavras — mas só se houver palavras para esse dizer. Sobre essa questão, Celes (1997) aponta que: “mesmo quando são imagens o que ocorre, não se trata de um convite a observá-las, mas de descrevê-las, em todos os detalhes, isto é, trata-

19 “*einsichtslos geworden*” (Freud, 1999 [1915], p. 310).

20 “*seine Einsicht und sein Verständnis*” (Freud, 1999 [1917], p. 303).

21 “*seine intellektuelle Einsicht*” (Freud, 1999 [1917], p. 463).
22 “*der neuen Einsicht in den geschlechtlichen Akt*” (Freud, 1999 [1918], p. 111).

23 “*Que na edição inglesa também está como insight*” (Freud, 1971 [1932], p. 150), *en na alemã Einsicht* (Freud, 1999 [1932], p. 161).

se de falar” (p. 46). Isso se dá também do lado do analista, pois uma imagem construída no analista pelas palavras do analisando também precisa ser colocada em palavras, já que o objetivo psicanalítico de tornar pré-consciente uma “coisa” inconsciente é alcançado vinculando-a “às representações verbais que lhe são correspondentes”²⁴ (Freud, 1923b, p. 33).

Freud considera que é possível se pensar com imagens, mas é um modo mais primitivo de pensamento:

“Não devemos deixar-nos levar, talvez visando à simplificação, a esquecer a importância dos resíduos mnêmicos ópticos, quando o são de coisas, ou a negar que seja possível os processos de pensamento tornarem-se conscientes mediante uma reversão a resíduos visuais, e que, em muitas pessoas, este parece ser o método favorito. O estudo dos sonhos e das fantasias pré-conscientes, como se demonstra nas observações de Varendonck, pode dar-nos uma idéia do caráter especial deste pensar visual. Aprendemos que o que nele se torna consciente é, via de regra, apenas o tema geral concreto do pensamento, e que as revelações entre os diversos elementos desse tema geral, que é o que caracteriza especialmente os pensamentos, não podem receber expressão visual. Pensar em figuras, portanto, é apenas uma forma muito incompleta de tornar-se consciente [grifo nosso]. De certa maneira, também, ela se situa mais perto dos processos inconscientes do que o pensar em palavras, sendo inquestionavelmente mais antiga que o último, tanto ontogenética quanto filogeneticamente” (Freud, 1923b, p. 34).

Mesmo na metapsicologia, a representação topográfica, espacial, do aparato psíquico, é considerada por Freud a mais precária em relação à dinâmica e à econômica, na concordância com o que busca representar.

Três Argumentos

Insight é considerada sinônimo de intuição, conforme as definições apresentadas acima. A palavra intuição também tem, na sua raiz, a presença do sentido da vista, pois vem do latim *intuitio*, que significa olhar. É definida como “um modo de conhecimento imediato, apreensão direta, sobre o modelo da visão, da realidade das coisas ou da verdade dos conceitos, por oposição ao conhecimento discursivo ou o raciocínio” (Hachette, 1998, *‘intuition’*). É “uma apreensão imediata pela mente sem raciocínio” (Allen, 1990, p. 623). Na intuição, trata-se de uma “visão direta e imediata de um objeto de pensamento atualmente presente ao espírito e apreendido na sua realidade individual”, “todo o conhecimento dado de uma vez e sem conceitos” (Lalande, 1996 [1926], p. 591), ou ainda, “conhecimento *sui generis*, comparável ao instinto e ao senso artístico, que nos revela aquilo que os seres são em si próprios, por

oposição ao conhecimento discursivo e analítico que no-los faz conhecer do exterior” (Lalande, 1996 [1926], p. 595).

Portanto, considerando essa sinonímia, apresentaremos três argumentos quanto à inadequação do uso de *insight* para nomear o que se passa em uma psicanálise.

Primeiramente, *insight* diz respeito a um modo de conhecimento que é imediato, ou seja, não progressivo $\frac{3}{4}$ o que estaria de acordo com a definição de Köhler apresentada acima. Um acontecimento, portanto, que nos parece próximo daquele modo de revelação mística que parece ocorrer, sem que tenha sido precedida, aparentemente, por qualquer busca ou prática com esse objetivo, como também ao tipo de experiência que é vivida, por vezes, pelo uso de substâncias psicodélicas.²⁵

Entretanto, na psicanálise, a conscientização é um processo que demanda tempo. Mesmo o que pode se apresentar como um *insight*, uma revelação súbita, é, na verdade, o resultado de um trabalho (o que já implica a idéia de tempo) nas resistências. Não é algo que se dá espontaneamente, e que se dê de uma vez por todas. Há a necessidade do tempo para as perlaborações.

Em segundo lugar, além desse caráter imediato, outra diferença fundamental entre o que se passa em uma psicanálise e o *insight* está no fato de este ser *i-mediado*, isto é, sem a mediação do discurso, ou seja, o *insight* não é mediado pela palavra, estando mesmo em oposição ao conhecimento analítico, enquanto a psicanálise tem, por instrumento, a palavra, o discurso, não apenas como meio de trabalho (pela palavra), mas como o próprio material de trabalho (na palavra).

Além disso, intuição está associada à evidência, “plena clareza intelectual” (Lalande, 1996 [1926], p. 596), que deriva do verbo latino *videre*, que significa ‘ver’ (Mifflin, 1994, *‘evident’*), significando aquilo que “se impõe ao espírito de uma maneira clara e incontestável” (Hachette, 1998, *‘évident’*), aquilo que “não oferece dúvida, que se compreende prontamente, dispensando demonstração” (Holanda Ferreira, 1999, *‘evidente’*). No entanto, na psicanálise o que se tem são indícios, não evidências²⁶, Indícios que, por meio das interpretações, são coligidos, formando as construções. São interpretações e construções cuja única forma possível de confirmação é a indireta, pois, para o analista, mesmo o que se oferece ao olhar, como o dedo de Dora na sua bolsinha, constitui um indício. Da parte do analisando, mesmo suas reações transferenciais visíveis — seja um tremor na mão ou mesmo um choro — são também modos indiretos de confirmação. Não são provas diretas aquelas que permitem “imediate evidência do fato” (Soibelman, 1998, *‘prova direta’*),

24 “Durch Verbindung mit den *en t s p r e c h e n d e n* Wortvorstellungen” (Freud, 1999 [1923], p. 247).

25 Psicodélico: *psyche* + Greek *dōlouō*, to make visible (from *dōlos*, clear, visible) + *-ic*.] (Mifflin, 1994, *‘psychedelic’*). Como também: 1967; *angl.* *psychedelic*; *du gr.* *psukhê* (Cf. 2. *psyché*) et *dēlos* « visible, manifeste », *proprt* « qui manifeste la psyché » (Robert, 1996-1997, *‘psychédélique’*). Palavra criada pelo psiquiatra canadense Humphrey Osmond, 1937 (Do grego *psyché*, alma; *delvo*, revelo; *sufixo ico*.) (Silveira Bueno, 1980, p. 920).

26 “Coisa cuja certeza se observa de plano, de imediato. Patente. Que independe de demonstração. Que não é passível de dúvida. Evidência: qualidade de evidente. Evidenciar: comprovar, patentear.” (Soibelman, 1994, *‘evidente’*). “Provas incontestáveis existentes nos autos. Certeza indubitável proporcionada pelas provas existentes nos autos, de que os fatos ocorreram pela forma que elas demonstram. Ocorrência indiscutível de fatos, provada nos autos” (Soibelman, 1994, *‘evidência dos autos’*).

mas, sim, provas indiretas, ou circunstanciais, isto é, formadas a partir de indícios, isso porque não é possível se ter um acesso direto ao inconsciente, somente às suas formações.

Portanto, consideramos que o uso do termo *insight*, em função dessas significações que ele porta e indica, não representa adequadamente o que ocorre em uma psicanálise, podendo, inclusive, (des)encaminhar à prática de uma análise intuitiva, onde é concedida prevalência às imagens e sentimentos que ocorrem ao analista, a chamada contra-transferência, em detrimento da palavra do analisando, uma psicanálise fundamentada na adivinhação.²⁷ A análise, tornando-se um processo misterioso, dependendo de um sexto sentido, tendo no *insight*, como vimos afirmar Erikson (1964), “uma forma de discernimento difícil de definir e mais difícil de defender” (p. 10).

Pensamos que é possível esse tipo de conhecimento — o intuitivo. Entretanto, consideramos tratar-se de algo diverso do que a Psicanálise propõe, pois nos parece mais próximo daquele das práticas divinatórias, tais como a leitura de Tarot ou o jogo de búzios, onde é requerido realmente o sexto sentido da intuição.

Os Motivos do *Insight*

Quanto aos motivos para que *insight*, um termo usado tão esparsamente e sem grande especificidade por Freud, ter ganho posteriormente estatuto de conceito por muitos psicanalistas, não nos são suficientemente compreensíveis até o momento.

Entretanto, como vimos, além da utilização pelo próprio Freud de *Einsicht* e *Einblick*, segundo Sandler, Dare e Holder (1986 [1973]), houve mais duas vias de entrada para o termo *insight* na Psicanálise: pela Psiquiatria (como um conceito utilizado no diagnóstico das psicoses), e pela Psicologia da *Gestalt*.

Com respeito à participação de Freud nesse processo da inserção do *insight* na psicanálise, pelo que pudemos concluir de nossa pesquisa ele não faz um uso sistemático do termo. Utiliza-o raras (sete) vezes ao se referir ao analisando e, nessas ocasiões, em um sentido próximo do psiquiátrico, ou seja, como uma pré-condição para a análise relacionando às resistências. Apenas em uma passagem, como mostramos, parece usar especificamente no sentido de um ganho proporcionado ao analisando pelo processo analítico. Na grande maioria das vezes em que usa *Einsicht* ou *Einblick*, está fazendo menção ao analista, significando alguma realização em termos da teoria.

A influência da Psiquiatria na Psicanálise parece-nos poder ser representada pelas opiniões de Menninger

e Holzman (1982 [1973])²⁸ sobre o que é *insight* na Psicanálise — o que revela também qual é a concepção de análise com que trabalham. Constitui uma prática onde o objetivo é dilatar “a área de autognose” do analisando (*Idem*, p. 151), levando-o a reconhecer quão doente ele é, ou seja, quão ofensivo e prejudicial ele é a outras pessoas, e como prejudica e incomoda a si mesmo. (Cf. Menninger e Holzman, 1982 [1973], p. 149). É uma posição que nos parece haver mantido o significado psiquiátrico original de *insight*, que, como nos apresentam Sandler, Dare e Holder (1986 [1973]), era usado “para indicar o conhecimento, pelo paciente, de que os sintomas de sua doença são anormalidades ou fenômenos mórbidos” (p. 107).

Ainda segundo o depoimento de Sandler, Dare e Holder, *insight* passa a ser utilizado na Psicanálise, com mais frequência, a partir dos anos 50, ou seja, período em que Köhler está nos EUA (desde 1935, devido ao nazismo), e onde recebe um diploma por Contribuições Extraordinárias, da Associação Psicológica Americana, em 1956, e é eleito para a presidência dessa instituição em 1959 (Marx e Hillix, 1976 [1973], p. 310).

A Visão e o Conhecimento

A busca da Psicologia de impor os seus métodos de verificação às hipóteses da Psicanálise é um fato bastante evidente. A Psicanálise foi construída, como argumenta Celes (1988), “fora do meio universitário e acadêmico” a partir do momento em que Freud abandonou “seus vínculos acadêmicos e dedicados à pesquisa fisiológica e empenhou-se no desenvolvimento de sua clínica médica” (p. 67). Já a Psicologia nasce acadêmica, no laboratório do também fisiólogo Wundt, na Universidade de Leipzig, em 1879 (Marx e Hillix, 1976 [1973], p. 66). Enquanto a Psicanálise “constitui-se com o objetivo específico da terapia”, a Psicologia acadêmica “se faz sem vínculos imediatos com a prática e com a aplicação”, tendo mais “o propósito de ciência fundamental” (Celes, 1988, p. 68). Enquanto a Psicologia, “no afã de constituir-se disciplina científica, toma como parâmetro a adoção da metodologia que lhe parece apropriada para tal, derivando daí os problemas que lhe poderiam ser pertinentes, a Psicanálise, ao contrário, privilegia o problema, adotando o método que lhe parece conveniente para a sua solução” (p. 68). A Psicologia “coloca a questão metodológica ‘O que posso observar?’, já a Psicanálise coloca uma questão de feitio mais ontológico — ‘O que é possível construir para explicar o observado?’” (p. 69).

Como indica Celes (1997, p. 42), na concepção de Heidegger “desde os primórdios da ontologia grega até hoje, a idéia do *intuitus* é que orienta toda interpretação do conhecimento, seja ele de fato alcançável ou não” (Heidegger, 1990 [1926], p. 159), ou seja:

“Não devemos deixar-nos levar, talvez visando à simplificação, a esquecer a importância dos resíduos mnêmicos ópticos, quando o são de coisas, ou a negar que seja possível os processos de pensamento tornarem-se conscientes mediante uma reversão a resíduos visuais, e que, em muitas pessoas, este parece ser o método favorito.”

Freud

²⁷ Apesar de que por vezes Freud usa o verbo adivinhar, com frequência relacionado à transferência.

“Costuma-se considerar válido que, na ciência, todo manejo se acha apenas a serviço da pura observação, da descoberta e abertura investigadoras das “coisas elas mesmas”. Tomando no sentido mais amplo, o “ver” regula todos os “dispositivos”, conservando a primazia” (Heidegger, 1990 [1926], p. 159).

Esse império da visão, na ciência, é patente no seu próprio vocabulário. Nos termos observação, verificação, evidência, demonstração, e mesmo teoria,²⁹ o ‘ver’ está presente.

Na linguagem cotidiana, também nos defrontamos com o emprego, diríamos metafórico, de palavras com conotações visuais para representar as idéias de conhecer, compreender e pensar, palavras tais como ponto de vista, perspectiva, enfoque, clareza, obscuridade, nitidez, revelar, iluminar etc.

Essa relação entre ver e conhecer parece ser mesmo algo atávico, uma espécie de ‘herança filogenética’, visto que está presente desde o Gênesis, segundo as escrituras, quando, no Jardim do Éden, o efeito provocado em Adão e Eva, após comerem o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, é descrito como: “Abriram-se, então, os olhos de ambos, e percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram cintas para si” (A Bíblia Sagrada, 1969, p. 9).

No mito da caverna de Platão, na ‘clareira’ de Heidegger ou no ‘instante de ver’ de Lacan, temos alegorias da representação da verdade como imagem ou luz, sendo a via para o acesso a esta o sentido da vista.

Freud também associa a busca de conhecimento à visão, ou melhor, à pulsão escópica: conhecer estaria ligado geneticamente a ver. Porém, como Freud também mostra, trata-se de um conhecimento enganoso, tal como aquele que é produzido pelas investigações sexuais infantis.

Entretanto, esse ponto de vista do valor da visão e da importância da observação científica na Psicanálise parece ser o adotado por analistas como Erikson (1964), atribuindo o papel de observador ao analista, ou, segundo as suas palavras, “curador mental”, pois, para

ele, no “*insight* psicanalítico”, o “curador mental deve dividir a si mesmo e o paciente em um observador e um observado” (p. 29). Lamentavelmente, na sua opinião, como Freud teria exposto, “a descoberta psicológica é acompanhada por algum envolvimento emocional do observador, e isso não pode ser comunicado a outro sem um certo envolvimento irracional de ambos” (p.36), mas “o *insight* aperfeiçoado do observador dentro dele mesmo pode corrigir o instrumento, proteger o observador e permitir a comunicação do observado” (p. 36). O que pesaria contra o valor científico do trabalho clínico é a dificuldade da verificação por outros observadores, pois mesmo que seja através de registros filmados de um tratamento, a observação de um segundo observador ou de uma série de observadores se confrontaria “com a tarefa de decidir baseados em suas reações, se eles concordam com os julgamentos do observador original feitos com base em suas reações que não são possíveis de serem gravadas” (p. 80).

Conclusão

Temos então, por um lado, o uso do termo *insight*, buscando enformar a Psicanálise ao modelo do conhecimento científico e, por outro, aproximando-a de práticas místicas intuitivas quando, na verdade, a Psicanálise está ‘entre’, em um campo próprio, entre as “nações hostis” do misticismo e da ciência.³⁰ Devolvendo o caráter mágico à palavra, mas também mantendo o uso do raciocínio e da lógica, Freud, tal como Janus, trabalha com uma dupla perspectiva.

Freud diz em uma carta a Jung que se considera um intuitivo, mas um intuitivo disciplinado: “Percebo que não fui talhado para a investigação indutiva, que a minha natureza é toda intuitiva e que, ao dispor-me a estabelecer a ciência puramente empírica da Psicanálise, submeti-me a uma extraordinária disciplina” (McGuire, 1976 [1974], p. 536).³¹

Para finalizar, pensamos que o que se passa em uma psicanálise está mais próximo da *convicção* a que se chega na resolução de um jogo de palavras-cruzadas.

28 Conforme acima, p. 137.

29 Do grego *theoria*, “observação, contemplação” (Robert, 1996-1997, ‘théorie’), ou “ação de ver” (Hachette, 1998, ‘théorie’).

30 Freud, 1941d [1921], p. 218.

31 Carta de 11/12/1911.

A BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamento*. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ALLEN, R. E. *The Concise Oxford*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

BRAIER, Eduardo. *Psicoterapia Breve de Orientação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, (1986 [1984]).

CELES, Luiz Augusto Monnerat. *Psicanálise e Psicologia*. In Figueira, Sérvulo (Org.), *Efeito Psi – a Influência da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

_____. *Trabalho e Teoria – uma Aproximação ao Sentido da Psicanálise*. Seminário de pós-graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

ERIKSON, Erik. *Insight and Responsibility*. New York: Norton, 1964.

FREUD, Sigmund. Sobre o Início do Tratamento (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise I). In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, s/d. v. XII, 1913c.

_____. O Interesse Científico da Psicanálise. In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, s/d. v. XIII, 1913j.

_____. Observações Sobre o Amor Transferencial (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise III). In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, s/d. v. XII, (1915a [1914]).

_____. Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1976. vols. XV e XVI, (1916-1917 [1915-1917]).

_____. História de uma Neurose Infantil. In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII, (1918b [1914]).

_____. O Ego e o id. In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX, (1923b).

_____. A Questão da Análise Leiga. In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XX, (1926e).

_____. Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII, (1933a [1932]).

_____. Discurso Perante a Sociedade dos B'Nai B'Rith. In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XX, (1941 [1926]).

_____. Psicanálise e Telepatia. In *E.S.B.* 1^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII, (1941d [1921]).

_____. Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess. In *E.S.B.* 3^a ed., Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. I, (1950a [1887-1902]).

_____. *New Introductory Lectures on Psycho-analysis. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: Hogart Press and The Institute of Psycho-Analysis. v. XXII, (1971 [1932]).

_____. Das Interesse an der Psychoanalyse. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. v. VIII, (1999 [1913]), p. 389-420.

_____. Bemerkungen über die Übertragungsliebe. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. v. X, (1999 [1915]), pp. 306-321.

_____. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. v. XI, (1999 [1917]).

_____. Aus des Geschichte einer infantilen Neurose. In *Gesammelte Werke*. Vol XII, pp. 27-157. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, (1999 [1918]).

_____. Das Ich und das Es. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. v. XIII, (1999 [1923]), pp. 235-290.

_____. Ansprache an die Mitglieder des Vereins B'Nai B'Rith. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. v. XVII, (1999 [1926]), pp. 51-58.

_____. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. v. XV, (1999 [1932]).

GREENSON, Ralph A. *Técnica e a Prática da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. v. 1, (1981 [1967]).

_____. *Investigações em Psicanálise*. Rio de Janeiro : Imago. v. 1, (1982 [1978]).

HACHETTE *Dictionnaire Français*. Paris: Hachette livre. CD-ROM, 1998.

HEIDEGGER, Martin *Ser e Tempo*. Parte II. Petrópolis: Vozes. v. 2, (1990 [1926]).

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. CD-ROM. Versão 3.0, 1999.

KOESTLER, Arthur. *Insight and Outlook – an Inquiry Into the Common Foundations of Science, Art and Social Ethics*. New York: MacMillan, 1949.

KÖHLER, Wolfgang. *The Mentality of Apes*. Nova York : Harcourt, Brace & World Inc., 1925.

_____. *Psicologia da Gestalt*. Belo Horizonte: Itatiaia, (1968 [1947]).

KRIS, Ernst. *On Some Vicissitudes of Insight in Psycho-analysis*. International Journal of Psycho-Analysis. v. 37, 1956, pp. 445-446.

LACAN, Jacques. *Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*. In *Le séminaire*, Livre XI. Paris: Seuil, (1973 [1964]).

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, (1996 [1926]).

LANGUENSCHIEDT (1999). *PC-Bibliothek*. Langenscheidt KG. CD-ROM. Versão 2.02.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris : Quadrige/PUF, (1998 [1967]).

McGUIRE, William (Org.). *Freud/Jung – Correspondência Completa*. Rio de Janeiro: Imago, (1976 [1974]).

MARX, Melvin e HILLIX, William. *Sistemas e Teorias em Psicologia*. São Paulo: Cultrix, (1976 [1973]).

MENNINGER, Karl e HOLZMAN, Philip. *Teoria da Técnica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar, (1982 [1973]).

MIFFLIN, Houghton. *The American Heritage Dictionary*. EUA: SoftKey. CD-ROM. Versão 3.6a, 1994.

PIÉRON, Henry. *Dicionário de Psicologia*. Porto Alegre: Globo, (1978 [1951]).

ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert*. Paris: Dictionnaires Le Robert. CD-ROM. Versão 1.3, (1996 [1997]).

SANDLER, Joseph, DARE, Christopher e HOLDER, Alex. *O Paciente e o Analista – Fundamentos do Processo Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, (1986 [1973]).

SILLAMY, Norbert (s/d). *Dicionário de Psicologia*. Larousse do Brasil.

SILVEIRA BUENO. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

SOIBELMAN, Leib. *Enciclopédia Jurídica*. Ed. Elfez. CD-ROM, 1998.

Referências

Na apresentação das obras de Sigmund Freud, da Edição Standard Brasileira, utilizamos o padrão cronológico estabelecido pelo seu editor inglês James Strachey: a data da primeira edição original, seguida da data do manuscrito entre colchetes, quando estas não coincidem. Já naquelas da Gesammelte Werke, constam a data da edição seguida da data da edição original.